

# Com açúcar, com afeto

Que certas existem por trás dos seus olhos, senão a ambiguidade, que é o seu silêncio? A sua ausência grita, num impulso estridente que é como a minha dúvida e como a inquietação solitária da minha alma.

Porque eu sou, por natureza, uma mulher só, redescobrimo a cada momento a vilania de existir sozinha, mesmo que cercada de gente. E seus olhos quase-cor-de-lua se cruzaram com os meus tão somente para desvirtuar os meus pés, que, como árvores tristes e enraizadas, estavam bem firmes no chão. Ou você não sabia que, além de solitária, também sou lunática por natureza e jamais resistiria aos olhos de luar praieiro que você carrega? Não sabia também que sou poeta e, como tal, jamais saberia fingir lirismos comedidos?

Pois sou poeta – e você chegou como um daqueles versos que nos causam reboiço, densos e cheios de entrelinhas. Você usou a boca para recitar poesias em silêncio e até Neruda teria inveja do subentendimento da sua boca muda. Estendeu sua mão delicada e me tirou do vale das minhas desesperanças. Shakespeare não teria versos tão bonitos quanto os que você sequer precisou dizer.

Mas, depois, veio o silêncio. O silêncio que não faz literatura. O silêncio que é a ausência manifestando sua face dolorosa. Eu tenho medo das palavras não-ditas, embora a maior importância esteja em tudo que não sei dizer. Porque o seu silêncio sempre será a minha dúvida e a sua ausência, a minha solidão. Por que não fizemos aquele mudo acordo das 365 noites? Por que o amargor teima em surgir com o sol? E por que você trouxe o fogo nos olhos quase-cor-de-lua – o fogo necessário para a vida –, se era tão certo que eu iria me queimar?

Você chegou como o último verso de um poeta enlouquecido, fazendo anarquia no meu coração.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/com-acucar-com-afeto>